

## **Características Psicométricas da Adaptação Portuguesa do Perfil de Auto-Percepção para Estudantes Universitários - SPPCS**

### **Psychometric Characteristics of a Portuguese Adaptation of the Self-Perception Profile for College Students – SPPCS**

ALEXANDRA FIGUEIREDO DE BARROS<sup>1</sup>

#### **RESUMEN**

O presente trabalho analisa indicadores de precisão e de validade da adaptação portuguesa do Perfil de Auto-Percepção para Estudantes Universitários (SPPCS) numa amostra portuguesa de estudantes do ensino superior de vários cursos de instituições públicas em Lisboa (n=683). Os indicadores de consistência interna, as intercorrelações entre as subescalas e a análise em componentes principais dos itens com rotação varimax revelam que este instrumento mantém, na adaptação portuguesa, características psicométricas adequadas e semelhantes às da versão original. Estes resultados permitem considerar o SPPCS um instrumento promissor para utilização com estudantes universitários portugueses em contextos clínicos e/ou de intervenção vocacional.

**Palavras-Chave:** Auto-percepções; auto-estima; estudantes universitários; avaliação psicológica.

---

<sup>1</sup> Doutora. Professora auxiliar. Instituição: University of Lisbon, Portugal: Faculty of Psychology. Morada: Alameda da Universidade. Tel: 00351 217943600, telefax: 00351 217933408. Email: afbarros@fp.ul.pt

## ABSTRACT

The present work analyzes indicators of reliability and validity of Self-Perception Profile for College Students (SPPCS) in a Portuguese sample of students of higher education from several public institutions in Lisbon (n=683). The indicators of internal consistency, the intercorrelations between the scales and the analysis of principal components of the items with rotation varimax reveal that this instrument maintains, in the Portuguese adaptation, correct psychometric characteristics similar to the original version. These results allow us to consider SPPCS a promising tool for use with Portuguese college students, in clinical as well as vocational interventions contexts.

**KeyWords:** Self-perceptions; self-esteem; college students; psychological assessment.

## INTRODUÇÃO

As questões da identidade são centrais nos diversos modelos da Psicologia Vocacional (Blustein, 1994; Holland, 1997; Krumboltz, 1994; Savickas, 1985; Super, 1990; Super, Savickas, & Super, 1996), sendo as auto-percepções importantes determinantes no processo de construção de carreira dos indivíduos. Diversos estudos apontam para relações positivas e significativas entre a percepção do seu valor global como pessoa ou auto-estima e a maturidade de carreira (Patton, Bartrum, & Creed, 2004), atribuições internas e orientação para o futuro (Janeiro, 2010), clareza da auto-imagem em relação a objetivos, competências, interesses ou personalidade (Munson, 1992), definição de

objetivos profissionais (Chiu, 1990) ou mesmo o ajustamento, satisfação e envolvimento profissional futuros (Salmela-Aro & Nurmi, 2007).

Assim, a importância que as auto-percepções do indivíduo assumem, quer ao nível dos modelos teóricos quer nas intervenções em Psicologia das Carreiras, justifica um interesse crescente pela construção e adaptação de instrumentos psicológicos que permitam avaliá-las. Sendo aceite, na Psicologia das Carreiras, a ideia de que os auto-conceitos são múltiplos (Super, 1990; Super, Savickas, & Super, 1996), a escolha de um instrumento adequado a esta área de intervenção deverá pressupor esta diversidade, correspondendo à concepção

de um modelo de factores correlacionados (Byrne, 1996). Nesta acepção, o indivíduo possui múltiplos auto-conceitos, específicos de diferentes domínios, embora relacionados entre si e associados a uma faceta separada de um auto-conceito mais global. Esta concepção é a base de numerosos trabalhos centrados sobre a percepção de competência dos sujeitos em múltiplas dimensões do self (Harter, 1985, 1988, 1990), com aplicação em contextos clínicos e educacionais. Seguindo uma perspectiva cognitiva e desenvolvimentista, Harter (1990, 1993a, 1999, 2003) considera o self como uma construção cognitiva e social, uma teoria que o indivíduo constrói sobre si próprio que se vai desenvolvendo ao longo do tempo, em função de evoluções cognitivas e de elementos sociais como os valores, a retroacção social e a fonte de comparação proporcionada pelos outros. As alterações estruturais e de conteúdo, que vão ocorrendo em função do desenvolvimento cognitivo, integram-se com os aspectos relacionais da interacção do indivíduo com o seu meio (Harter, 1990, 1993a, 1999, 2003). É dessa forma que, de acordo com as mudanças a que os processos cognitivos estão sujeitos ao longo do desenvolvimento e com as experiências que o indivíduo vai acumulando na relação com os outros, os auto-conceitos, incluindo

conteúdo, estrutura e organização, se alteram ao longo do percurso de vida do indivíduo.

As medidas de auto-percepção de Susan Harter, revistas em Byrne (1996) foram, assim, concebidas de forma diferenciada para vários grupos etários, designadamente o SPPC – Perfil de Auto-Percepção para Crianças (Harter, 1985), o SPPA – Perfil de Auto-Percepção para Adolescentes (Harter, 1988) e o ASPP – Perfil de Auto-Percepção para Adultos (Messer & Harter, 1986). Todas elas se baseiam na concepção de que as percepções do self são multidimensionais, reflectindo diferentes domínios da vida do indivíduo. Admite-se que a especificidade destes domínios ou facetas se altera com a idade de acordo com o desenvolvimento cognitivo e com a saliência das preocupações mais marcantes em cada um dos períodos da vida dos indivíduos (Harter, 1988, 1993a, 1999, 2003). Em todas estas medidas se acrescenta uma avaliação mais global que se refere ao valor que o indivíduo atribui a si próprio. Esta avaliação global pode ser referida como auto-estima ou auto-valorização global e não resulta directamente das avaliações das competências particulares, pelo que é avaliada com itens específicos (Harter, 2003).

A natureza das tarefas desenvolvimentistas do jovem adulto e da população universitária num período da

vida que implica grandes opções e a gestão de conflitos entre a estabilidade e o compromisso em vários papéis de vida, justifica que esta fase traga exigências específicas (Seligman, 1994). Na realidade, os estudantes universitários, embora adultos de acordo com a idade cronológica, ainda não assumem, com autonomia plena, os papéis que correspondem à idade adulta, acumulando, enquanto estudantes, algumas facetas mais características da adolescência. Construído para esta população, o SPPCS - Self-Perception Profile for College Students (Neemann & Harter, 1986) ou Perfil de Auto-Percepção para Estudantes Universitários, na tradução portuguesa, foca a sua avaliação simultaneamente em áreas mais próximas da adolescência e em áreas mais próximas do adulto.

No sentido de integrar este instrumento nas intervenções vocacionais, como forma de avaliar as auto-percepções de competência em diferentes domínios, decidiu-se adaptá-lo e estudar as suas características psicométricas numa amostra portuguesa. As auto-percepções assim avaliadas podem, no âmbito das intervenções psicológicas com jovens universitários, servir de base à definição de objectivos individuais que possam corresponder à procura de bem-estar psicológico a partir do desenvolvimento pessoal - desenvolvimento do ser (Novo, 2005).

## MÉTODOS

### Instrumento

O SPPCS, Perfil de Auto-Percepção para Estudantes Universitários, é um instrumento que inclui doze subescalas de 4 itens que avaliam as auto-percepções face a domínios específicos de competência. Inclui uma escala adicional de 6 itens que avalia a auto-valorização global ou auto-estima. Destina-se a uma população de estudantes universitários, podendo ser aplicado individual ou colectivamente. Inclui três subescalas construídas a partir do SPPC e do SPPA (Competência Escolar, Competência Atlético e Aceitação Social), quatro subescalas modeladas a partir do ASPP (Moralidade, Capacidade Intelectual, Aparência Física e Sentido de Humor), e três subescalas modeladas a partir das subescalas similares do SPPA (Amizades Próximas, Relações Amorosas e Competência no Trabalho). Criatividade e Relações com os Pais são duas subescalas específicas do SPPCS. Na versão original, as análises factoriais mostram que cada um destes domínios define um factor, com elevadas saturações dos itens pertencentes à escala correspondente e baixas saturações secundárias (Harter, 1990). A escala de Auto-Valorização Global inclui 6 itens distintos de todos os outros, constituindo uma medida da auto-estima global independente das

auto-percepções referentes aos domínios específicos já referidos.

As doze subescalas que avaliam as auto-percepções face aos domínios específicos podem ser categorizadas como escalas que avaliam competências ou capacidades, em número de cinco (Capacidade Intelectual, Competência no Trabalho, Competência Atlética, Competência Escolar e Criatividade), e escalas que se centram nas relações sociais, em número de sete (Relações Amorosas, Amizades Próximas, Aparência Física, Sentido de Humor, Moralidade, Aceitação Social e Relações com os Pais).

O indivíduo deve registar uma de quatro alternativas estruturadas, em que assinala o grau em que a afirmação é verdadeira para si, não havendo respostas neutras. A cada resposta corresponde um valor de 1 a 4, em que 4 significa maior competência percebida. Em cada subescala, metade dos itens estão construídos na direcção positiva (i.e., mais pontuação corresponde a maior percepção de competência) e metade na direcção negativa.

Os dados relativos à consistência interna das doze subescalas de 4 itens na versão original (Neeman & Harter, 1986) resultam da aplicação do SPPCS a 300 estudantes universitários e apresentam valores do coeficiente alfa de Cronbach entre .76 – Competência no Trabalho – e .92 – Competência Atlética.

Os estudos sobre a validade convergente nos E.U.A. basearam-se na correlação com os resultados obtidos numa Escala de Apoio Social (Neeman & Harter, 1986) com cinco subescalas (Amigo próximo, Mãe, Pessoas do campus, Pai e Docentes), cada uma com 4 itens, a serem respondidos de 1 a 4, como no SPPCS. Tal como esperado, os resultados na escala Aceitação Social do SPPCS apresentam correlações moderadamente elevadas com a subescala da Escala de Apoio Social referente ao apoio sentido por parte das Pessoas do campus ( $r=.51$ ,  $p<.001$ ). A previsão de que o apoio social recebido por parte dos Amigos próximos (subescala da Escala de Apoio Social) se correlacionaria positivamente com a escala Amizades Próximas do SPPCS foi suportada por uma correlação de .67, significativa a  $p<.001$ . O apoio social recebido da mãe e do pai (medido pelas respectivas subescalas da Escala de Apoio Social) correlaciona-se com os resultados da escala Relações com os Pais do SPPCS, respectivamente em .61 e .54, significativos a  $p<.001$ . As análises de variância efectuadas revelam efeito de género com os homens a auto-classificarem-se de forma mais positiva do que as mulheres em Aparência Física e em Competência Atlética. O sexo feminino apresenta médias superiores em Amizades Próximas (Neeman & Harter, 1986).

Um vez que a escala de Auto-Valorização Global é considerada pelos autores como qualitativamente diferente das subescalas referentes às competências específicas (ao depender de julgamentos específicos da competência em vários domínios, mas também da importância de cada domínio para cada indivíduo), eles não a incluíram na análise em componentes principais feita sobre os itens do SPPCS. As saturações factoriais encontradas para as outras subescalas oscilaram entre .52 e .92, não havendo saturações cruzadas superiores a .35 (Neeman & Harter, 1986).

## **Procedimento**

Para adaptar este instrumento para a Língua Portuguesa, foram seguidas, quando aplicáveis, as directivas aconselhadas por um comité internacional de psicólogos que se tem dedicado ao estudo das implicações da medida em estudos multi-culturais (ver Hambleton, 1994, 2005; Van de Vijver & Hambleton, 1996).

Assim, a partir da versão original, foi elaborada uma primeira tradução procurando-se que a formulação, quer dos itens quer das instruções, fosse compreensível e correctamente adaptada à Língua Portuguesa, mas mantendo-se, o mais possível, próxima da original. Esta tradução foi confrontada com a de outros dois psicólogos, ambos com

excelente domínio da língua inglesa, e posteriormente, revista e aperfeiçoada, tendo em conta a necessidade de adequar a linguagem utilizada à população portuguesa, e contornar algumas diferenças ou interpretações alteradas que o uso de determinadas expressões pudessem induzir. No que diz respeito à configuração gráfica do instrumento, esta foi mantida semelhante à versão original.

A versão portuguesa elaborada foi aplicada, em dois ensaios, a duas amostras de 86 e de 56 estudantes do ensino superior com instruções específicas para criticarem quaisquer aspectos que lhes parecessem pouco claros e/ou sugerirem alterações. A partir dos resultados obtidos e das respostas e comentários dos estudantes foi feita uma análise quantitativa e qualitativa dos itens, tendo sido decidido alterar a formulação de alguns itens até chegar à versão final. Os resultados obtidos no estudo da consistência das diferentes subescalas no segundo ensaio revelaram níveis satisfatórios de precisão, com os coeficientes alfa de Cronbach a variar entre .67 na escala Moralidade e .91 na escala Criatividade, sendo, na generalidade, todos superiores a .70. Também as correlações ítem com o total da escala excluindo o próprio ítem são satisfatórias, variando entre .39 (ítem 9 da escala Moralidade e ítem 26 da escala Competência Atlético) e .84 (ítem 32 da escala Relação com os Pais). As médias obtidas em relação a cada ítem situam-se entre 2.23 e 3.57

com uma média de 2.96, sendo o desvio-padrão dos itens entre 0.54 e 1.13, com uma média de 0.83. As médias das subescalas (excluindo a de Auto-Estima que tem mais dois itens que as outras) variam entre 9.95 e 13.38 com desvios-padrão entre 1.99 e 3.08, o que sugere uma adequada variabilidade e amplitude dentro de cada escala. A escala de Auto-Estima ou Auto-Valorização Global apresenta uma média de 19.09 e um desvio-padrão de 2.99.

Considerados satisfatórios os resultados do estudo psicométrico desta versão portuguesa, nos dois ensaios referidos, e com o objectivo de ampliar e aprofundar o estudo das suas características metrológicas, esta foi aplicada a uma amostra de conveniência de acordo com critérios previamente definidos, de forma a garantir alguma homogeneidade da amostra.

### **Participantes**

Os participantes eram estudantes com idade até aos 25 anos e a frequentar o 2º ou 3º ano de cursos de Faculdades públicas em Lisboa. Procurou-se representar vários perfis motivacionais, optando por seis cursos distintos: Medicina, Arquitectura, Engenharia Mecânica, Gestão de Empresas, História e Contabilidade. Estes cursos podem considerar-se representativos dos tipos de personalidade e de meios de trabalho de Holland (1997).

A amostra final foi de 683 participantes, em que 355 são do sexo masculino (51.98%) e 328 (48.02%) do sexo feminino, e em que 314 ou 45.97% frequentam o 2º ano e 369 ou 54.03% o 3º ano de um curso superior. As idades dos participantes estão compreendidas entre os 19 e os 25 anos com uma média e uma mediana de 21 anos, para um desvio-padrão de 1.60. A moda situa-se nos 20 anos.

## **RESULTADOS**

### **Indicadores de precisão**

Para avaliar a precisão de cada uma das subescalas, estudou-se a consistência interna com base no coeficiente alfa de Cronbach e nas correlações item - total corrigido, para evitar relações espúrias. Os coeficientes alfa de Cronbach das subescalas são, no geral, superiores a .70 (ver Quadro 1), com excepção das subescalas de Competência no Trabalho e Moralidade a que correspondem, respectivamente, um coeficiente alfa de Cronbach de .61 e de .65. As subescalas Aparência Física, Criatividade e Competência Atlética revelam o coeficiente mais elevado - .84. À escala Auto-Estima corresponde um coeficiente alfa de Cronbach de .86. No Quadro 1 apresentam-se também os coeficientes alfa de Cronbach das 12 subescalas de 4 itens, obtidos na versão americana, numa amostra de 300 estudantes universitários.

**Quadro 1. Alfa de Cronbach Obtido na Versão Original e na Versão Portuguesa**

<b>SUBESCALAS</b>	<b>VERSÃO ORIGINAL AMERICANA N=300</b>	<b>VERSÃO PORTUGUESA N=683</b>
<b>Competência no Trabalho</b>	.76	.61
<b>Competência Escolar</b>	.84	.70
<b>Aceitação Social</b>	.80	.74
<b>Aparência Física</b>	.85	.84
<b>Relações com os Pais</b>	.88	.80
<b>Amizades Próximas</b>	.82	.76
<b>Capacidade Intelectual</b>	.86	.77
<b>Moralidade</b>	.86	.65
<b>Relações Amorosas</b>	.88	.75
<b>Humor</b>	.80	.77
<b>Criatividade</b>	.89	.84
<b>Competência Atléticoa</b>	.92	.84

Apesar de não se apresentar a discriminação de todos os resultados relativos à correlação entre cada item e o total corrigido da escala a que pertence, refira-se que o valor dessa correlação ultrapassa sempre os .30, atingindo coeficientes superiores a .40 e frequentemente a .50, .60 e .70. No geral, e em todas as subescalas, verifica-se que a ausência de qualquer dos itens traria um decréscimo do coeficiente alfa de Cronbach; as exceções são os itens 4, 5 e 10, mas a análise das correlações item-total revela valores de, respectivamente, .39, .55 e .40 (Barros, 2007), tornando-os satisfatórios no conjunto da análise. Nas subescalas Competência no Trabalho,

Competência Escolar, Relações com os Pais, Amizades Próximas, Capacidade Intelectual, Moralidade, Humor, Criatividade, Competência Atléticoa e Auto-Estima, todos os itens apresentam correlações item-total muito satisfatórias e a sua omissão traduz-se num decréscimo do valor alfa de Cronbach da escala a que pertencem (Barros, 2007).

### **Intercorrelações das subescalas**

Para aprofundar o estudo das características metrológicas do instrumento, foram ainda calculadas as intercorrelações das subescalas. Os dados obtidos são apresentados no Quadro 2.



**Quadro 2. Intercorrelações das Subescalas do SPPCS (N=683)**

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1												
2	.66**											
3	.41**	.29**										
4	.39**	.31**	.39**									
5	.17**	.17**	.29**	.24**								
6	.25**	.21**	.52**	.23**	.19**							
7	.57**	.54**	.32**	.33**	.10*	.19**						
8	.25**	.21**	.24**	.19**	.30**	.13**	.16**					
9	.31**	.22**	.37**	.35**	.11**	.34**	.35**	.08				
10	.17**	.12**	.33**	.20**	.16**	.31**	.13**	.08	.18**			
11	.41**	.32**	.30**	.28**	.02	.19**	.57**	.13**	.28**	.24**		
12	.32**	.18**	.29**	.42**	.05	.12**	.30**	.04	.28**	.13**	.28**	
13	.58**	.52**	.57**	.54**	.34**	.43**	.43**	.39**	.43**	.26**	.33**	.34**

Nota. 1.Competência no Trabalho 2. Competência Escolar 3. Aceitação Social 4. Aparência Física 5. Relações com os Pais 6. Amizades Próximas 7.Capacidade Intelectual 8. Moralidade 9. Relações Amorosas 10. Humor 11. Criatividade 12. Competência Atlético 13.Auto-Estima  
\* p<.05, \*\* p<.01

As correlações mais elevadas entre as subescalas de domínios encontram-se entre as subescalas Competência no Trabalho e Competência Escolar (.66), entre Competência no Trabalho e Capacidade Intelectual e entre Capacidade Intelectual e Criatividade (.57), entre Competência Escolar e Capacidade Intelectual (.54) e entre as subescalas Amizades Próximas e Aceitação Social (.52). As correlações mais baixas, inferiores a .1, verificam-se entre a escala Moralidade e as subescalas Relações Amorosas, Humor e Competência Atlético e entre a escala Relações com os Pais e Criatividade e Competência Atlético.

A análise do Quadro 2 revela ainda que as correlações mais elevadas com a escala de Auto-Estima verificam-se com as subescalas Competência no Trabalho (.58), Aceitação Social (.57), Aparência Física (.54) e Competência Escolar (.52), todas superiores a .50. Com as mais baixas correlações com a escala de Auto-Estima surgem as subescalas Humor (.26), Criatividade (.33), Competência Atlético e Relações com os Pais (.34).

### **Análise em componentes principais**

A análise em componentes principais dos itens do SPPCS foi realizada

depois de se efectuar um teste de esfericidade que apresenta um  $\chi^2$  de 16146.09 com 1431 graus de liberdade, significativa a  $p < .001$ , e de se calcular o índice KMO que chega a um valor de .91, considerado muito bom (Reis, 1997, p. 279). Esta análise permite extrair 13 componentes principais com valores próprios superiores a 1 que, no seu conjunto, explicam 63.42% da variância dos resul-

tados. Estes resultados são apresentados no Quadro 3. O primeiro componente, com um valor próprio de 11.96 explica 22.16% da variância dos dados e, a partir do sexto, os componentes principais extraídos têm valores próprios superiores a 1 mas inferiores a 2 e explicam entre 1.89% da variância dos dados – o 13º componente – e 3.38% dessa mesma variância – o 6º componente.

**Quadro 3. SPPCS – Análise em Componentes Principais dos Itens: Valores Próprios e Variância Explicada (N=683)**

COMPONENTE PRINCIPAL	VALOR PRÓPRIO	% DE VARIÂNCIA EXPLICADA	% DE VARIÂNCIA EXPLICADA ACUMULADA
1	11.96	22.16	22.16
2	3.68	6.81	28.97
3	2.95	5.45	34.42
4	2.64	4.88	39.30
5	2.06	3.82	43.12
6	1.83	3.38	46.50
7	1.64	3.03	49.53
8	1.57	2.91	52.44
9	1.40	2.60	55.05
10	1.34	2.48	57.52
11	1.11	2.06	59.58
12	1.05	1.95	61.53
13	1.02	1.89	63.42

O Quadro 4 apresenta a matriz após rotação varimax, especificando o componente principal em que cada item tem a saturação mais elevada e o valor dessa saturação.

Depois de rotação varimax da matriz os 13 componentes principais encontrados aproximam-se muito da estrutura em 13 subescalas da prova, com os itens correspondentes a cada escala

**Quadro 4. SPPCS – Análise em Componentes Principais com Rotação Varimax:  
Saturação dos Itens nos Fatores (N=683)**

	F I	F II	F III	F IV	F V	F VI	F VII	F VIII	F IX	F X	F XI	F XII	F XIII
Escala Competência no Trabalho	I2 I15 I28 I41					.66  .65						.46 .49	
Escala Competência Escolar	I3 I16 I29 I42					.49 .55 .69 .51							
Escala Aceitação Social	I4 I17 I30 I43										.66 .55 .51 .47		
Escala Aparência Física	I5 I18 I31 I44								.56 .81 .83 .80				
Escala Relações com os Pais	I6 I19 I32 I45	.74 .76 .86 .72											
Escala Amizades Próximas	I7 I20 I33 I46		.83 .79							.60 .62			



a apresentar, na generalidade, saturações de .50 e superiores no mesmo componente. No caso das subescalas Aceitação Social e Capacidade Intelectual todos os seus itens têm as saturações mais elevadas, respectivamente, nos componentes 11 e 12, embora as saturações dos itens 43 e 21 seja inferior a .50 (.47 e .44).

No caso da escala Amizades Próximas, dois dos itens apresentam as maiores saturações no componente 3, enquanto outros dois apresentam maiores correlações com o componente 10. A escala Competência no Trabalho também não encontra representação clara em qualquer dos componentes, com dois dos seus itens com maiores saturações no componente 6, juntamente com os itens da escala Competência Escolar, enquanto os outros dois têm as suas maiores saturações no componente 12, juntamente com os itens da escala Capacidade Intelectual. Apesar do comportamento dos itens referidos, no geral, os componentes extraídos permitem concluir pelas semelhanças claras entre a estrutura interna do instrumento e a estrutura de variáveis subjacentes aqui encontrada.

### **Diferenças entre sexos**

O Quadro 5 apresenta os resultados do teste t de diferenças de médias, com amostras independentes, tendo em conta o sexo do participante, para 681 graus de liberdade. A análise foi

referente aos resultados nas treze subescalas do SPPCS de 355 participantes do sexo masculino e de 328 do sexo feminino.

De acordo com os resultados apresentados no Quadro 5, verifica-se, tal como na versão original (Neeman & Harter, 1986), um efeito de género, com médias significativamente mais elevadas no sexo masculino ( $p < .01$ ), para as subescalas Competência no Trabalho, Aparência Física, Capacidade Intelectual, Criatividade e Competência Atlético. Também a Auto-Estima ou Auto-Valorização Global aparece com uma média significativamente superior ( $p < .05$ ) no grupo do sexo masculino. A escala Relações com os Pais e Moralidade têm, pelo contrário, médias significativamente mais elevadas para o sexo feminino, respectivamente a  $p < .05$  e a  $p < .001$ . Não se registam diferenças significativas entre os dois sexos em Competência Escolar, Aceitação Social, Amizades Próximas, Relações Amorosas e Humor.

### **Discussão**

Os resultados recolhidos com esta versão portuguesa do Perfil de Auto-Percepção para Estudantes Universitários (SPPCS) evidenciam indicadores de validade e de precisão bastante satisfatórios, permitindo uma perspectiva promissora da sua utilidade com os jovens universitários portugueses.

**Quadro 5. SPPCS: Médias, Desvios-padrão e Comparação dos Resultados por Sexo (Teste t de Student para Amostras Independentes)**

	SEXO MASCULINO		SEXO FEMININO		t	p
	M	SD	M	SD		
<b>Competência trabalho</b>	10.86	2.33	9.96	2.25	5.17	.001
<b>Competência escolar</b>	10.43	2.44	10.30	2.28	0.75	.45
<b>Aceitação social</b>	11.97	2.58	11.67	2.78	1.47	.14
<b>Aparência física</b>	11.70	2.87	10.64	3.21	4.55	.001
<b>Relações com os pais</b>	13.05	2.73	13.48	2.66	-2.06	.04
<b>Amizades próximas</b>	11.96	2.83	12.08	3.13	-0.52	.60
<b>Capacidade intelectual</b>	11.21	2.62	10.35	2.46	4.42	.001
<b>Moralidade</b>	12.12	2.41	12.84	2.37	-3.93	.001
<b>Relações amorosas</b>	9.21	2.65	9.22	2.79	-0.04	.97
<b>Humor</b>	12.39	2.54	12.31	2.56	0.41	.68
<b>Criatividade</b>	11.02	2.55	9.94	2.55	5.53	.001
<b>Competência atlética</b>	10.78	2.69	8.95	2.76	8.78	.001
<b>Auto-valorização Global</b>	18.08	3.71	17.50	3.92	2.00	.05

Os coeficientes alfa de Cronbach das subescalas, obtidos com esta amostra portuguesa de 683 participantes, são indicadores de uma boa consistência interna. Contudo, embora satisfatórios, estes índices são todos mais baixos do que os obtidos na versão original. O estudo conjunto da correlação item-total e a análise do comportamento do coeficiente alfa de Cronbach na ausência de cada item (com decréscimo do valor de alfa de Cronbach na sua ausência e/ou correlações itens-total superiores a .30) são indicadores da qualidade de todos

os itens e do seu contributo para as propriedades métricas das subescalas a que pertencem.

Os dados referentes às intercorrelações das subescalas estão de acordo com os obtidos com a versão original, em que se encontram correlações elevadas entre a Competência no Trabalho, Aceitação Social, Aparência Física e Competência Escolar com a escala de Auto-Valorização Global ou Auto-Estima em todos os grupos etários, desde as crianças, aos adolescentes e aos adultos (Harter, 1990, 1993b).

A análise em componentes principais exploratória revela uma adequada correspondência com a estrutura da prova e as suas diferentes subescalas. Contudo, a escala Competência no Trabalho não encontra representação nos factores encontrados. Também é nesta subescala que se encontra o menor coeficiente alfa de Cronbach na versão portuguesa (o que não ocorre na versão original). Isto poderá decorrer da falta de experiência profissional dos sujeitos, uma vez que a amostra utilizada é, maioritariamente, de estudantes que nunca trabalharam. Na ausência de experiência de trabalho, a sua interpretação dos itens poderá ter sido mais centrada em tarefas características de outras dimensões do auto-conceito, considerando, por exemplo, o trabalho referente ao seu papel de estudante. Esta situação decorre também de diferenças culturais e contextuais: enquanto nos EUA, muitos estudantes conciliam a universidade com o trabalho, em Portugal, essa situação é pouco frequente e o estudante universitário raramente teve ou tem experiência de trabalho. Uma forma de testar esta hipótese, seria fazer aplicações com esta versão a estudantes-trabalhadores.

Os resultados obtidos, no presente trabalho, em relação à análise das diferenças entre géneros sugerem que, em média, os rapazes deste grupo mantêm imagens mais favoráveis deles próprios nos aspectos ligados às capacidades ou

ao saber fazer, à sua aparência física e ao seu valor global como pessoas e as raparigas, em média, revelam imagens mais favoráveis delas próprias nos aspectos ligados à conformidade com as regras e à relação com os pais. Estes dados estão parcialmente de acordo com os resultados obtidos por Faria e Santos (2001), com estudantes universitários portugueses e utilizando um instrumento de avaliação da auto-percepção de competência - Escala de Auto-conceito de Competência (Räty & Snellman, 1992, cit. por Faria & Santos, 2001), que verificam que as raparigas se percebiam como mais competentes no domínio da cooperação social e os rapazes na criatividade. Vão, também, no mesmo sentido dos obtidos por Marsh (1989) que encontra, a partir de revisões de literatura e dos seus próprios estudos com versões do Self-Description Questionnaire (SDQ), resultados mais elevados para os rapazes, em todos os níveis etários desde os pré-adolescentes aos jovens adultos, em aparência física e resultados mais altos para as raparigas em honestidade/ser de confiança e religião/valores espirituais. Outros estudos (e.g., Cairns, McWhinter, & Duffy, 1990; Harter, 1993b; Kling, Hyde, Showers, & Buswell, 1999; Neeman & Harter, 1986; Twenge & Campbell, 2001) também revelam que os rapazes, nos diferentes grupos etários, tendem a avaliar a sua auto-estima global de forma mais positiva.

Apesar dos resultados favoráveis obtidos, não podem ser esquecidas as limitações da amostra, constituída apenas por estudantes de universidades públicas da cidade de Lisboa, pelo que será importante, alargar a aplicação deste instrumento a amostras de outros cursos e de outras regiões do país e, eventualmente, também de escolas privadas.

Embora fosse importante correlacionar os resultados destas subescalas com os de subescalas que medis-

sem os mesmos conceitos, não foram identificados instrumentos com essas características já validados para a população portuguesa,

Em conclusão, o Perfil de Auto-Percepção para Estudantes Universitários (SPPCS) configura-se como um instrumento de medida das várias dimensões do auto-conceito e da auto-estima que, na adaptação portuguesa, mantém características metrológicas adequadas.

## REFERÊNCIAS

- Barros, A. (2007). *Relações entre domínios do auto-conceito, valores e importância relativa dos papéis em estudantes universitários*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: FPCEUL (policopiado).
- Blustein, D. L. (1994). "Who am I?" The question of self and identity in career development. In M. L. Savickas & R. W. Lent (Eds.), *Convergence in career development theories. Implications for science and practice* (pp. 139-154). Palo Alto, California: Cpp Books.
- Byrne, B. M. (1996). *Measuring self-concept across the life-span: Issues and instrumentation*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Cairns, E., McWhinter, L., & Duffy, U. (1990). The stability of self-concept in late adolescence: Gender and situational effects. *Personality and Individual Differences, 11*(9), 937-944.
- Chiu, L. (1990). The relationship of career goal and self-esteem among adolescents. *Adolescence, 32*, 113-130.
- Faria, L., & Santos, N. L. (2001). Auto-conceito de competência: Estudos no contexto educativo português. *Psychologica, 26*, 213-231.
- Hambleton, R. K. (1994). Guidelines for adapting educational and psychological tests: A progress report. *European Journal of Psychological Assessment, 10*(3), 229-244.
- Hambleton, R. K. (2005). Issues, designs and technical guidelines for adapting tests into multiple languages and cultures. In R. K. Hambleton, P. F. Merenda,



- & C. D. Spielberger (Eds.), *Adapting psychological and educational tests for cross-cultural assessment* (pp. 3-39). NJ: Lawrence Erlbaum.
- Harter, S. (1985). Competence as a dimension of self-evaluation: Toward a comprehensive model of self-worth. In R. Leahy (Ed.), *The development of the self* (pp. 55-121). New York: Academic Press.
- Harter, S. (1988). Issues in the assessment of the self-concept of children and adolescents. In A. La Greca (Ed.), *Childhood assessment: Through the eyes of a child* (pp. 292-325). New York: Allyn and Bacon.
- Harter, S. (1990). Causes, correlates and the functional role of global self-worth: A life-span perspective. In J. Kolligian & R. Sternberg (Eds.), *Perceptions of competence and competence across the life-span*. New Haven, CT: Yale University Press.
- Harter, S. (1993a). Self and identity development. In S. Feldman & G. Elliot (Eds.), *At the threshold. The developing adolescent* (pp. 352-595). Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Harter, S. (1993b). Causes and consequences of low self-esteem in children and adolescents. In R. F. Baumeister (Ed.), *Self-esteem: The puzzle of low self-regard* (pp. 87-116). New York: Plenum.
- Harter, S. (1999). *The construction of the self. Developmental perspective*. New York: The Guilford Press.
- Harter, S. (2003). The development of self-representations during childhood and adolescence. In M. Leary & J. Tangney (Eds.), *Handbook of self and identity* (pp. 610-642). New York: The Guilford Press.
- Holland, J. L. (1997). *Making vocational choices. A theory of vocational personalities and work environments* (3rd edition). Odessa, FL: Psychological Assessment Resources.
- Janeiro, I. (2010). Motivational dynamics in the development of career attitudes among adolescents. *Journal of Vocational Behavior*, 76(2) 170-177; DOI: 10.1016/j.jvb.2009.12.003.
- Kling, K. C., Hyde, J. S., Showers, C. J., & Buswell, B. N. (1999). Gender differences in self-esteem: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 125, 470-500.
- Krumboltz, J. D. (1994). Improving career development theory from a social learning perspective. In M. L. Savickas & R. W. Lent (Eds.), *Convergence in career development theories. Implications for science and practice* (pp. 9-31). Palo Alto, California: Cpp Books.
- Marsh, H. W. (1989). Age and sex effects in multiple dimensions of self-concept: Preadolescence to early adulthood. *Journal of Educational Psychology*, 81(3),

- 417-430.
- Messer, B., & Harter, S. (1986). *Manual for the Adult Self-Perception Profile*. Unpublished manuscript. University of Denver.
- Munson, W. W. (1992). Self-esteem, vocational identity, and career salience in high school students. *The Career Development Quarterly*, 40, 361-368.
- Neeman, J., & Harter, S. (1986). *Manual for the Self-Perception Profile for College Students*. Unpublished manuscript. University of Denver.
- Novo, R. F. (2005). Bem-estar e Psicologia: conceitos e propostas de avaliação. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 20(2), 183-203.
- Patton, W., Bartrum, D. A., & Creed, P. A. (2004). Gender differences for optimism, self-esteem, expectations and goals in predicting career planning and exploration in adolescents. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 4, 193-203.
- Reis, E. (1997). *Estatística multivariada aplicada*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Salmela-Aro, K., & Nurmi, J. E. (2007). Self-esteem during university studies predicts career characteristics 10 years later. *Journal of Vocational Behavior*, 70, 463-477.
- Savickas, M. L. (1985). Identity in vocational development. *Journal of Vocational Behavior*, 27(3), 329-37.
- Seligman, L. (1994). *Developmental career counseling and assessment* (2<sup>nd</sup> edition). London: Sage Publications.
- Super, D. E. (1990). A life-span, life-space approach to career development. In D. Brown & L. Brooks (Eds.), *Career choice and development. Applying contemporary theories to practice* (2<sup>nd</sup> edition, pp. 197-261). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Super, D. E., Savickas, M. L., & Super, C. M. (1996). The life-span, life-space approach to careers. In D. Brown & L. Brooks (Eds.), *Career choice and development* (3<sup>rd</sup> edition, pp. 121-178). San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Twenge, J. M., & Campbell, W. K. (2001). Age and birth cohort differences in self-esteem: A cross-temporal meta-analysis. *Personality and Social Psychology Review*, 5 (4), 321-344.
- Van de Vijver, & Hambleton, R. K. (1996). Translating tests: Some practical guidelines. *European Psychologist*, 1(2), 89-99.